

Quando tudo acabou, e num vazio deixei cair meus restos de esperança, ficou na sala um gosto amargo e frio daquilo que se espera e não se alcança.

E de repente, ouvi, num arrepio, o relógio, com voz suave e mansa, no vai-e-vem de um pêndulo sombrio, me sussurrar que o tempo não descansa.

Trazer de volta os sonhos, não consigo... e em toda dor de um coração que chora, esse relógio, solitário e amigo

é uma presença cálida e sonora, que desde então permaneceu comigo marcando uma saudade em cada hora.

Alba Christina Campos Netto, O Relógio; em Fanal 0101

Não há felicidade em toda parte, nem ela chega, um dia, de repente. Felicidade se constrói. Destarte, construí-la ou não está em nós somente.

E como aumenta quando se reparte! Nem todos sabem disso, infelizmente, pois, neste mundo, ser feliz é uma arte assaz difícil para muita gente.

Mas tu que vais, ante a ilusão que ofusca, alegre, às vezes, outras vezes, triste, buscar felicidade, quase a esmo:

lembra, por onde fores, que essa busca fora de ti é vã... se não existe felicidade dentro de ti mesmo.

Ziver Ritta, Felicidade; em Fanal 0101

Chamo-te amiga, disfarçando um *meu amor*, seguro-te as mãos por qualquer bobagem, toco-te o rosto acertando a maquiagem, junto contigo o almoço tem mais sabor.

Abraçados na chuva, me enlouqueces, aconchego-te ao corpo no elevador, nas manchetes dos jornais declaro o amor, mas do teu namorado não te esqueces!

Paro frente a tua beleza e me esforço, ando ao teu lado e disfarço a querença, desfruto a companhia tua sem remorso!

Em cada poema na livraria esboço embaraçado a dor e não compensa mostrar o secreto amor que não é nosso!

Jairo de Mattos, Amiga

Está faltando na terra, cheia de mágoa e de dor, trocar os cantos de guerra pelas cantigas de amor.

Alfredo de Castro, em Trovaregre 0107

Espero-a... A noite esta fria, mas não desisto... Ouço passos... E o prêmio da teimosia vem se acolher nos meus braços!

José Tavares de Lima, em Fonte de Letras, 0105

Velho amor!... As esperanças têm sempre encontro marcado com pedaços de lembranças nas varandas do passado.

Heribaldo Gerbas, em BI UBT São Paulo 0107

No enterro da fofocadeira para evitar confusão levaram o corpo na esteira e a língua num caminho...

Simão Cohen, em BI UBT Magé 0103

O bom cabrito não berra. Contesto o velho ditado; pois, neste mundo mais erra quem tudo aceita calado.

Regina Célia de Andrade, em Milênio, 0102

A Belinha, mãe solteira, disse ao padre, em confissão: – Nunca fui namorada; a culpa... foi do *apagão!*...

Angélica Villela Santos, em Trevo na Trova, 0104

Esta agua medrosa y triste, como un niño que padece, antes de tocar la tierra desfalece.

Quieto el árbol, quieto el viento, ¡y en el silencio estupendo, este fino llanto amargo cayendo!

El cielo es como un inmenso corazón que se abre, amargo. No llueve: es un sangrar lento y largo.

Dentro del hogar, los hombres no sienten esta amargura, este envío de agua triste de la altura.

Este largo y fatigante descender de agua vencida, hacia da tierra jacente y transida.

Bajando está el agua inerte, callada como un ensueño, como las criaturas leves de los sueños. ✦

♥ Gabriela Mistral (Lucila Godoy Alcayaga 1889-1957), de Desolación; Editorial Espasa-Calpe, Madrid, 6ª edición, 1983

Llueve... y como chacal lento la noche acecha en la sierra. ¿Qué va a surgir, en la sombra, de la tierra?

¿Dormiréis; mientras afuera cae, sufriendo, esta agua inerte, esta agua letal, hermana de la muerte?

♥ La Lluvia Lenta

*Del salón en el ángulo oscuro, de su dueña tal vez olvidada, silenciosa y cubierta de polvo, veíase el arpa.*

*¿Cuánta nota dormía en sus cuerdas, como el pájaro duerme en las ramas, esperando la mano de nieve que sabe arrancarlas!*

*¡Ay!, pensé; ¡cuántas veces el genio así duerme en el fondo del alma, y una voz como Lázaro espera que le diga «Levántate y anda!» ✦*

✦ Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870), de Rimas y Leyendas; Plaza y Janés Editores, Bilbao, 2ª edición 1985

– Estrella, estoy triste. Tú dime si otra como mi alma viste. – Hay otra más triste. – Estoy sola, estrella. Di a mi alma si existe otra como ella. – Sí, dice la estrella. – Contempla mi llanto. Dime si otra lleva de lágrimas manto. – En otra hay más llanto. – Di quién es la triste, di quién es la sola, si la conociste. – Soy yo, la que encanto, soy yo la que tengo mi luz hecha llanto.

♥ Balada de La Estrella

*En el mar de la duda en que bogo ni aun sé lo que creo; sin embargo estas ansias me dicen, que yo llevo algo divino aqui dentro.* ✦

Abel Silva, Sorte;

Aceitou que ele fosse atrás de um novo cio. Não perdoou que a chamasse pelo mesmo assobio.

Abel Silva, Ciúme

Seleção de Arnaldo Giancoli

No descampado, o ipê enxameado de amarelo-ouro triste derrama o seu tesouro envolto em chamas...

Cyro Armando Catta Preta, Ipê; de Enigma/Estigma, 1982

Golpe inesperado. Abriu a guarda. Nem viu. Caiu nocauteado.

Cyro Armando Catta Preta, K.O.; de Palhas do Tempo, 1993

Ele nos deita como pai homem senhor

e o duro chão é berço leito mortalha

a música viaja em meu corpo abandonado sem pensamento de olhos cerrados já suaves aguardamos a forte voz do seu olhar

sim nos afastamos do paraíso.

Eumice Arruda, Ritual I; de Risco, 1998

Sons nostálgicos; sons de vida e morte – sino de Nagasaki...

Masau Simizo, em Jornal das Nações 010628

Súbito estampido – grande rovoada de azulões perdigueiros farejam.

Naoto Matsushita, em Jornal das Nações 010607

Terra de tanta riqueza, fertilidade, alimento; canto, louvo tua beleza, choro teu desmatamento.

Jessé Nascimento

En un lugar de esta tierra, había una mujer hermosa, sus ojos color de cielo, su rostro color de rosa, sus cabellos color de oro, sus dientes perlas preciosas.

Había en sus labios dulzura, tristeza en su corazón, en su hogar fué mal amada, el mundo entero la adoró.

Pero la muerte maldita, que no tiene compasión, se ensañó en su guadaña, y a nuestra bella princesa, de este mundo se llevó.

Isabel R. R. Bermúdez, La Bella Princesa em Informativo CPAC – Poesia e Arte 08

Os algodões bailarinos, das imponentes paineiras, tocam, com passos divinos, as nossas almas brejeiras...

Amália Marie Gerda Bornheim



VIRGEM: SIGNO DA TERRA

Virgem é o sexto signo do zodíaco (23 de agosto a 22 de setembro); é regido por Mercúrio e o seu elemento é a terra. O signo complementar de Virgem é Peixes; seu oposto é Leão. As principais características de Virgem são: perfeccionismo, determinação e seriedade.

Help! Multi Mídia Estádio HMI 018

Virgem 24.08 a 23.09

Personagem típico:

Alice, em 1865; Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll (1832-1898).

The Brazilian Living Webster Encyclopedic Dictionary of the English Language 1973

**TROVAS DO BANDARRA**  
dedicatória a Dom João de Portugal, bispo da Guarda SENTE BANDARRA AS MALDADES DO MUNDO E PARTICULARMENTE AS DE PORTUGAL Estrofas I a XVI

Como nas alcaçarias andam os couros às voltas, assim vejo grandes revoltas agora nas cleresias.

Porque usam de simonias e adoram os dinheiros, as igrejas, pardieiros, os corporais por mais vias.

O sumagre com a cal faz os couros ser mocios, ah! quantos há maus noviços nessa ordem episcopal.

Porque vai de mal a mal sem ordem nem regimento, quebrantam o mandamento, cumprem o mais venial.

Também sou oficial sei um pouco de cortiça não vejo fazer justiça a todo o mundo em geral.

Que agora a cada qual sem letras fazem doutores, vejo muitos julgadores, que não sabem bem, nem mal.

Borzeguins para calçar hão-de ser de cordovães. Notários, tabeliães tem o tento em apanhar.

Vê-los-eis a porfiar sobre um pobre ceitil, e rapar-vos por um mil se vo-los podem rapar.

Também sei algo brunir quaisquer laços de labores: bacheiréis, procuradores aí vai o perseguir.

E quando lhe vão pedir conselho os demandões, como lhe faltam tostões, não os querem mais ouvir.

Há-de ser bem assentada a obra dos chapins largos, a linhagem dos fidalgos por dinheiro é trocada.

Vejo tanta misturada sem haver chefe que mande; como quereis, que a cura ande, se a ferida está danada?

Tenho uma gentil sovela, com que coso mui direito: se a mulher não desse jeito, não olhariam para ela.

Em que seja uma donzela nobre, casta e oradora ela é a causadora, do que acontecer por ela.

Sei também mui bem coser uns borzeguins cordoveses; todos os trajos franceses quem quer os quer já trazer.

Os que não têm que comer fazem trajos mui prezados, ficam pobres, lazarados por outros enriquecer.

Gonçalo Annes (ou Fanes) Bandarra (Sapateiro de Trancoso) 1500-1556?, de "Profecias" do Bandarra; Vega, 5ª Edição, 1996.

Seleção José Maria Fonseca Domingos

«Não foi santo nem herói, mas Deus sagrou com Seu sinal este, cujo coração foi não português mas Portugal.»

Fernando António Nogueira Pessoa (1888-1935), Mensagem (1934); em "Profecias" do Bandarra; Vega, 5ª Edição, 1996.

Seleção José Maria Fonseca Domingos

Mar escurecido e a gritaria dos patos. Nada, apenas brancos.

Bashô (Matsuo Munefusa, 1644-1694), em Jornal das Nações 010705

Intenso frio – nas íngremes escarpas flores cristalizadas.

Irene Azuma, em Jornal das Nações 010628

Entrefechado botão, entreaberta rosa vermelha; quase uma flor.

Lituka Yoshimura, em Jornal das Nações 010628

Tranqüiliza o céu: o sol virá amanhã, a carta hoje.

Magda Regina Lugon; de Os Limites do Reino, 1993

Árvore vaidosa todo inverno se enfeita de rubras pitangas.

Mário Kassawara, em Jornal das Nações 010705

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI)S INVERNO		
Apanho pitangas, vou fazer um bom licor. Estão bem maduras. <b>Albertina C. G. dos Santos</b>	Cai a folha seca suavizada pelo vento. Tapeto no chão. <b>Joana de Toledo Machado</b>	No Dia dos Pais relembro o sorriso, o olhar. Preservo os exemplares. <b>Olga Amorim</b>
Na beira da estrada escorre o rio minguante com som de cascata. <b>Dercy de Freitas † 001021</b>	Coruja pousou no topo do caqueiro. Pintinhos à vista. <b>João Batista Serra</b>	Cheirinho gostoso! É alecrim perfumando canteiro no jardim. <b>Olga dos Santos Bussade</b>
Os peões atentos: bois... lacos... aplausos! É a vaquejada! <b>Djalda Winter Santos</b>	A moça, de côcoas, vai acendendo a fogueira. Coração ardendo. <b>João Elias dos Santos</b>	Batata-doce, na cinza, a lembrar-me a infância! <b>Olíria Alvarenga</b>
Que susto, uma voz. E vem lá do galho da árvore... Ah, uma coruja! <b>Edel Costa</b>	Olor agradável... Vence o muro da esquina o perfume de alecrim. <b>José N. Reis</b>	Inverno na floresta. A arvorezinha pelada, seca sua roupa ao chão. <b>Paulo Alfredo F. Böhm</b>
Plantas delicadas o terreno perfumando... alecrim florido. <b>Fernando Vasconcelos</b>	O rato do mato na procura de comida, jantar de coruja! <b>Luis Koshitiro Tokutake</b>	A cocceira diz: -Perambulaste descalço. É bicho-de-pé. <b>Roberto Resende Vilela</b>
Tudo é chumba e cinza - as nuvens, o mar e a areia... Praia no inverno. <b>Guim Ga</b>	Moeda na sarjeta já no fim da feira compra bacía de aipim! <b>M. U. Moncam</b>	Lixões por toda parte. Os passarinhos debandam, o urubu é rei. <b>Rodolpho Spitzer Júnior</b>
Tantas folhas secas e o capinzal ressequido. Animais com fome. <b>Haroldo R. Castro</b>	Do pé se despenca a néspera inesperada. Disperso outro em penca. <b>Marcelino R. de Pontes</b>	Sem flores, o ipê não desperdiça seus galhos: dá pouso aos pardais. <b>Sérgio Bernardo</b>
Um forte granizo, lá se vão os meus morangos. Reconheça tudo. <b>Helvécio Durso</b>	Cores da saudade veludo do amor-perfeito. Coração em flor! <b>Maria de Jesus B. de Mello</b>	Cidade a dormir. Apita o guarda-noturno... Pio de coruja. <b>Sérgio Serra</b>
Nesta tarde amena, minha casa é portuguesa... Alecrim no ar. <b>Hermoclydes S. Franco</b>	Os meninos brincam de pular dum lado ao outro do rio já minguante... <b>Mariemy Tokumaru</b>	Casacos e luvas. Noticiário na TV. Frente fria. <b>Sonia M. Machado Sozza</b>
Caraça no campo. Urubus de olhos atentos espiritam de longe. <b>Humberto Del Maestro</b>	O rio minguante desrespeitando a sazão... transbordando em julho! <b>Maurício F. Leonardo</b>	Nésperas maduras, armadilha de gulosos. Pouso de marceiros. <b>Yedda Ramos Maia Patrício</b>

**SELEÇÕES MENSAIS**

**FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAUCUS**

**Remeter até 30.09.01, quigos à escolha:**

**Dia do Estudante, Neve, Poinsetia:**

Remeter até 30.10.01, quigos à escolha:  
Chuva criadeira, Dia da Ave, Folha nova.

Fazer um haicu é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o quigo – palavra da sazão – (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haicu por conter o quidai, tema da estação, através de *seu assunto principal*, o quigo. O haicu deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do quigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicu conterá ainda sutis sugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor. Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez  
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132  
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 1(0) deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

HAUCUS EM FOLHA		
No tronco, o banquete: pica-pau se delicia com larvas e insetos... <b>Darly O. Barros</b>	Pequenos rubis, ornando o cenário verde Dia do Café! <b>Elen de Novaes Felix</b>	Ereto no tronco, pica-pau percussionista sondando alimento. <b>Manoel F. Menendez</b>
Com sabor Brasil encontro alegre de amigos Dia do Café <b>Ercy M. M. de Faria</b>	Balaios ornamentados! Dia do Café <b>Ailson Cardoso de Oliveira</b>	Guri olha atento o punhado de pinhões – e escolhe o maior. <b>Maria Reginato Labruciano</b>
Pica-pau se assusta com moto-serra feroz... - Concorrência injusta. <b>Fernando L. A. Soares</b>	Silêncio na mata. O pica-pau, do oco da árvore, curioso, esp्रेita. <b>Maria Reginato Labruciano</b>	Após o jantar, a surpresa prometida: prato de pinhões! <b>Maria Madalena Ferreira</b>
Nos cestos, sementes... Crianças se divertindo colhendo pinhões... <b>Darly O. Barros</b>	Assando pinhão em torno ao fogo de lenha. Lembrança da roça. <b>Cecy Tupinambá Ulhôa</b>	Passa a gralha azul abocanhando um pinhão... Pinheiros renascem... <b>Amélia Marie G. Bornheim</b>
na serra, bebendo o céu... - garboso pinhão! <b>Elen de Novaes Felix</b>	um ninho de lagartinha. Pica-pau de sorte! <b>Cecy Tupinambá Ulhôa</b>	Frutos maduros, vermelhos... Dia do Café. <b>Darly O. Barros</b>
De manhã bem cedo, um aroma me desperta. Dia do Café <b>Maria Reginato Labruciano</b>	Um aroma brasileiro invade a fazenda. <b>Renata Paccola</b>	Pica-pau insiste: (água mole em pedra dura...) - Tronco vira casa! <b>Maria Madalena Ferreira</b>
Na decoração, pinhão fazendo sucesso. Imaginação. <b>Regina Célia de Andrade</b>	Família reunida conversa ao redor da mesa. Prato de pinhão. <b>Renata Paccola</b>	Pinhão fumegante... Com a pressa, quero a língua. <b>Walma da Costa Barros</b>
Cabeça verdeja, fazendo um buraco na árvore. Pica-pau trabalha. <b>Analice Feitoza de Lima</b>	Da cabeça verde que enfiteia o alto pinheiro, chovendo pinhões. <b>Anita Thomaz Folmann</b>	Um rastro do vento... Pinhões por todo o caminho... E a chuva atrasada. <b>Ercy M. M. de Faria</b>
Árvore invadida! Nos troncos, abrindo frestas, quantos pica-paus! <b>Elen de Novaes Felix</b>	Aroma suave trazendo bela lembrança. Dia do Café. <b>Regina Célia de Andrade</b>	Pica-pau num tronco, com bicadinhas suaves acordam a gente. <b>Alba Christina</b>
Escola de sítio. Caminho de pinheirais. No lanche pinhões. <b>Nadyr Leme Gamaert</b>	Aroma constante... Hoje é Dia do Café com todos são. <b>Alba Christina</b>	Som familiar... - Pica-pau sorri na mata. Lembranças da infância. <b>Franciela Silva</b>

**CLASSIFICANDO OS TERCETOS INDEPENDENTES**

Podemos chamar de **trevo** todos os *tercetos independentes*: ! ! ! ! ! ! !  
O trevo guilhermano rima versos de 5 sílabas e, o do meio, de 7 sílabas, a 2ª com a 7ª.

O trevo senriú à ocidental é conceitual, filosófico... – é um haicu à moda ocidental.

Os trevos *senriú*, *haicu de sação vaga* e, simplesmente, *haicu* (único a conter quigo), são sempre “**aqui e agora**” – **não conceituais, sendo**:

trevo senriú ou personagem, *não filosófico*, expressa os sentimentos e introspecções do povo no seu dia a dia; trevo haicu de sação indeterminada (*aborda a natureza sem situar a estação*); trevo haicu, poesia pura – (*o quigo, situa a estação em que o poeta está*).

O trevo haicu é, provavelmente, a mais antiga poesia moderna do mundo e o simbolizamos pelo ipê.

Manoel Fernandes Menendez

<p>Trevo senriú à ocidental ou trevo ocidental:</p> <p>Nas horas mais calmas, doce prazer dos prazeres: – licor de morangos!... <b>Hermoclydes Siqueira Franco</b></p> <p>No Dia dos Pais os pais é que pagam tudo... E viva os papais! <b>Agostinho José de Souza</b></p>	<p>Trevo senriú ou trevo personagem:</p> <p>No rosto corado, entre os lábios... um sorriso. <b>Maria Reginato Labruciano</b></p> <p>O dia vem cedo a mesa bem posta, é o pai o primeiro a servir. <b>Quellen Carini Abech Tabosa</b></p>	<p>Trevo haicu de sação vaga ou trevo haicu subtendido:</p> <p>Jardim salpicado de vários frutos vermelhos. O sol despertando. <b>Manoel Fernandes Menendez</b></p> <p>Nas campas floridas, o preto saudoso e justo à ausência de um pai... <b>Darly O. Barros</b></p>
--	--	--

**D I A D O S P A I S**

Luiz A. G. Cancelli; de Dia-a-dia: Fragmentos, 1995

Acordou de meia ressaca. Dia dos Pais. Os filhos vieram até a cama, alegres, com o presente. Ele chegou a ficar curioso: não precisava de nada em especial, não tinha grande apreço por bugiangas, estava razoavelmente bem servido de roupas. Deram-lhe uma caixa, aliás uma pequena bolsa de ferramentas importada, *made in USA*. Pontas de chave de fenda de diversas medidas, que se encaixavam num cabo plástico, um alicate e uma trena minúscula. Um presente absolutamente inútil. Ele tinha todas essas ferramentas, de qualidade muito superior, numa caixa de verdade, de ferro, atravancando a área de serviço do apartamento, para desepero da esposa e tropeços da empregada.

Sentou-se na cama. A mulher veio da cozinha para dar-lhe os parabéns. Ele não sabia avaliar quanta sinceridade havia naquele cumprimento, por diversas vezes havia sido acusado de não participar o suficiente na vida dos filhos, de não acompanhar sua educação, essas coisas. Retribuiu o beijo, meio desconfiado, tentando entender a expressão da esposa. Não percebeu nada de anormal.

Estava sem vontade de sair de baixo das cobertas, era um domingo, dez horas da manhã. Talvez se levantasse para passar na praia, mas sabia-se condenado a um almoço de família no restaurante, com o sogro, a sogra, a cunhada e marido e os dois sobrinhos postigos absolutamente insupportáveis. Além do mais, já esgotara todas as tentativas de procurar um assunto que compartilhasse, sem conflitos, com os parentes ditos *por afinidade*. Divergiam em quase todas as opiniões sobre as coisas. Ele era palmeirense, o pai da mulher era corinthiano e o sujeito casado com a irmã da mulher detestava futebol. Ele gostava de *rock*, o velho era chegado num sertanejo. Um votava na esquerda e o outro na direita. Tudo ao contrário.

Resolveu fingir um mal-estar. Ficaria em casa, na cama, comeria uns restos da geladeira, lá pelo meio

da tarde veria o jogo. Já estava quase se sentindo mal, quando os filhos recitaram uma poesia que haviam aprendido na escola, em homenagem ao dia de hoje. Escutou apenas as estrofas finais, ficou com os olhos como se tivessem areia, não podia decepcionar os dois meninos. A filha pequena ainda não entendia nada, mas estava tão risonha, paciência, vai-se ao sacrifício, o que não se faz pelo bem da coletividade? Vestiu calça, cueca, camisa e o melhor sorriso que arranjou para a ocasião. Reparou que não tinha café fresco na garrafa térmica, tudo bem, comeu pão com queijo e tomou leite gelado. Quando ia propor às crianças um passeio rápido na praia, a mulher lembrou-lhe do bujão de gás, aquele que acabou ontem à noite, precisa ir logo buscar na loja, fecha ao meio-dia. Ele tentou manter o sorriso, agora os dentes um pouco mais à mostra, comunicou aos garotos a mudança de itinerário. Pô, pai, então a gente fica vendo televisão. Tá bom, vou sozinho.

Desceu para a garagem no elevador de serviço. Vinha-lhe compulsivamente à cabeça a história do sujeito que saiu de casa para comprar cigarros e só voltou trinta anos depois. A família colocou avisos no jornal, alertou polícias diversas, fez apelos dramáticos na televisão. Todas as providências foram infrutíferas. Passadas as três décadas, já doente, ele quis rever seu pessoal. Foi uma tremenda comoção, a cena foi ao ar no programa de domingo, o pai inteiro presenciou a mulher doando o fugitivo. Resolveu que ia fazer o mesmo, mas nem chegou a formular claramente um plano de fuga, sabia desde o começo que estava blefando. Amaldiçoou-se por ser um sentimental, jamais faria isso com os filhos e, vá lá, ainda gostava da esposa. Sentiu-se prisioneiro de tudo aquilo, Dia dos Pais, partes por afinidade, bolsa de ferramentas, canções de escola. Entrou no carro possuído pela idéia de estar amarrado a tantas coisas, deu a partida e pisou fundo. Um piloto de Fórmula Um deve sentir uma tremenda sensação de liberdade, disse para si mesmo enquanto costurava o asfalto por entre ônibus e automóveis.

Chegou em tempo recorde no posto de venda de bujões de gás, depois de ser xingado por metade da avenida. Havia uma fila grande, ouviu alguém comentar que os caminhões tinham falhado na distribuição, nos últimos dias. Deu-se conta de que iam almoçar no restaurante, então por que estava ele ali, me bem?, ele explicou tudo, mas ela ficou furiosa mesmo assim, disse que não teriam nem água quente para fazer o café, você sabe que depois do almoço o pessoal talvez venha ver o jogo aqui, você está cada vez mais folgado, não dá uma ajuda em nada. Ele respondeu que vissem o jogo onde quisessem, de preferência na puta que os pariu, já estava farto daquela palhaçada. Mas que palhaçada, esses almoços de merda, vê lá como você fala, falo como eu quiser, porra. As vozes subiam de volume, as crianças começaram a chorar em ordem de idade, primeiro a pequena e depois os meninos. Pandemônio instalado, a campanha tocou, ela enxugou as mãos no avental, os olhos nas costas das mãos, fuzilou-o com os olhos secos, isto é pior que fuzilamento de olhar molhado. A voz desceu pelo interfone, quem é, meu Deus, é o papai e a mamãe. De repente fez-se de conta que nada estava acontecendo, entrou o respeitável casal de velhos, até os netos já estavam de cara agradável.

Na verdade não queria mal ao sogro, era apenas uma questão de poucos interesses comuns, coisa perfeitamente suportável. Retribuiu os abraços,

chegou até a beijar a sogra, em poucos minutos estava quase comovido com o encontro familiar, beirou a certeza de que nada valia mais a pena na vida, apenas fazer aquelas pessoas felizes. O sogro sentou-se no sofá e apalpus os bolsos à procura de um cigarro, não encontrou, pediu um para o genro, que transferiu o pedido para a mulher, mas ela havia esquecido de comprar. Imediatamente ele, mais que nunca imbuído do papel de provedor espiritual e material da casa, ofereceu-se para ir até a padaria buscar um maço. Mas o que é isso, não precisa, mas eu faço questão, eu vou com você, não precisa, então volta logo, tá bem.

Desceu pela escada, pensando na vida. Engraçado, agora que fechou a porta sente-se novamente um estranho naquele meio. A padaria fica a quatro quarteirões do prédio. Resolve ir a pé, para ver se passa o mal-estar. Vai de olhos baixos, o desenho monótono da calçada favorece a reflexão.

Volta para casa preocupado, tinha andado bem devagar, parou aqui e ali para clarear as idéias. Tenta abrir a porta, mas a chave não roda. Toca a campainha. A esposa atende, faz uma cara de espanto, abraça-o forte e chora muito, pergunta onde esteve, por que demorou tanto. Retribuiu o abraço sem entender o motivo de tanta efusão, procura o sogro por cima do ombro da mulher. Não acha o velho. Da porta da cozinha sai uma moça de uns trinta anos, que franze a testa, tentando reconhecê-lo. Ele sente o corpo amolecer, afasta a pessoa que o abraça e nota seus cabelos brancos. A mulher que vem entrando na sala fixa o porta-retratos em cima do móvel, arregala os olhos, volta-se para o homem e grita: Papai!